

EXPORTAÇÕES E CRESCIMENTO ECONÔMICO DO RS, 1951/2001

Nali de Jesus de Souza*

01. INTRODUÇÃO

Nos anos de 1970 discutia-se no Brasil se o País deveria seguir um modelo orientado para as exportações, ou se seria mais racional voltar todos os esforços do crescimento econômico para o setor de mercado interno (SMI). O País estava crescendo rapidamente com base na expansão de suas exportações. A oposição, porém, em vez de reconhecer que novos empregos estavam sendo criados pelo crescimento acelerado das exportações e pelo afluxo de capitais externos, limitava-se a criticar o chamado “modelo exportador” e as debilidades da economia brasileira, como concentração de renda, desigualdades regionais e fracos indicadores de desenvolvimento humano. Esses desequilíbrios e debilidades aceleram-se justamente quando a inflação é alta e o crescimento econômico é baixo.

Pode haver, contudo, um conflito entre aumentar a produção de um bem para exportação, como soja, e mais alimentos para o mercado interno, como feijão. Isso pode ocorrer porque, no curto prazo, os fatores de produção pode estar plenamente empregados, ou o equilíbrio pode se encontrar muito próximo da fronteira das possibilidades de produção. No longo prazo o cultivo de grãos para a exportação e para o SMI desloca-se para a fronteira agrícola, possibilitando o aumento simultâneo da produção de ambos os bens.

Não havendo conflitos, as exportações exercem impactos sobre o SMI. Quando elas crescem, aumentam as compras de insumos das empresas locais. O aumento do emprego e da renda no setor exportador (SE) implica em maiores compras de bens e serviços produzidos localmente. As exportações exercem um efeito multiplicador sobre o SMI. Dificilmente se poderia comprovar o inverso, ou seja, que o aumento do SMI teria alguma repercussão sobre o nível de atividade das empresas exportadoras.

Atualmente, todos os países desejam expandir as suas exportações e muitos deles ainda mantêm certo protecionismo, porque importações concorrentes eliminam empregos internamente. No entanto, torna-se impossível o aumento das exportações mundiais se o protecionismo se generaliza. O mérito da globalização é mostrar que o aumento das importações gera maior concorrência, reduzindo os preços dos insumos e dos bens finais, o que beneficia os consumidores e as empresas utilizadoras de insumos importados.

* Professor do Departamento de Economia da PUCRS. Doutor pela USP.

Este artigo se propõe a examinar as relações entre exportações e crescimento econômico, com ênfase na economia do Rio Grande do Sul, do período compreendido entre 1951 e 2001. No capítulo 2, efetuar-se-á uma breve revisão da literatura das relações entre exportações e crescimento econômico; no capítulo 3 será a vez de se analisar o papel das exportações do Rio Grande do Sul sobre a sua economia; finalmente, no capítulo 4, estudar-se-á a evolução das exportações gaúchas entre 1991 e 2001, decompondo-as por grupos de produtos e segundo o destino.

02. EXPORTAÇÕES E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Uma das causas das crises econômicas é o subconsumo dos trabalhadores, pelo mais lento crescimento do SMI em relação à capacidade de oferta. Desse modo, a possibilidade de aumentar as exportações surge como um elemento de elevação da demanda efetiva, afastando as crises e possibilitando a absorção da oferta global (ver Souza, 1999).

Da mesma forma uma região ou país que consiga produzir bens com longo alcance, podendo suportar altos custos de transporte, aumenta a complexidade interna de sua economia, densificando o tecido industrial.¹ O aumento do mercado gera economias de escala e maior eficiência produtiva, o que reduz os custos médios da economia. Isso estimula a acumulação do capital e o aumento do nível de emprego (Smith, 1983 e Souza, 1999).

2.1 Base exportadora e base econômica

A teoria da base exportadora foi uma das primeiras teorias do crescimento regional. Nos Estados Unidos os pesquisadores chegaram à conclusão de que existe um conjunto de atividades econômicas motoras do crescimento regional. Essas atividades básicas seriam as que têm mercados externos à região, englobando as economias nacional e mundial. A idéia básica é a de que o aumento da produção da *base exportadora* exerce um *efeito multiplicador* sobre as *atividades não-básicas* ou de mercado interno (Sirkin, 1959, Tibout, 1977, Souza, 1980 e Balassa, 1989).

As atividades de mercado interno têm sido consideradas passivas e induzidas pela base exportadora. Contudo, nenhuma atividade exportadora pode se desenvolver sem o apoio de determinados serviços e sem uma infra-estrutura básica, como portos e outros meios de transporte e de comunicações eficientes. De outra parte, constatou-se que a base exportado-

¹ Inversamente, a redução dos custos de transporte, com o desenvolvimento dos meios de transporte, também aumenta o alcance dos bens. Nesse caso, a região exportadora pode competir em mercados ainda mais distantes.

ra sozinha não explica integralmente o crescimento econômico global, principalmente quando a região se industrializa e aumenta de tamanho. No mundo como um todo não existem exportações, mas tem-se o crescimento da renda (Tiebout, 1977).

Desse modo, surgiu a idéia de *base econômica*, conceito mais amplo do que o de base exportadora, por incluir outras variáveis exógenas, além das exportações, como investimento autônomo interno, gastos do governo federal na área, ingresso de capitais externos, bem como todo o tipo de renda externa que provoque efeitos multiplicadores sobre as atividades de mercado interno, ao expandir os meios de pagamentos internos, sem provocar sensíveis aumentos de preços (Sirkin, 1959, Souza, 1980, Kohler, 2001).

Neste trabalho, a base econômica será formada apenas pelas exportações regionais. Além disso, nos anos mais recentes, por insuficiência de dados, as exportações serão consideradas somente aquelas destinadas ao mercado internacional, desconsiderando-se as exportações da região ao mercado nacional.

2.2 Exportações e crescimento econômico de regiões e países

As teorias da base têm enfatizado que as exportações exercem um efeito multiplicador sobre o SMI. Nesse sentido, as regiões que conseguiram inserir-se dinamicamente nas economias nacional e internacional obtiveram maiores taxas de crescimento no longo do tempo. Este foi o caso de muitas as regiões de países hoje desenvolvidos. Nos Estados Unidos, as regiões que inicialmente exportavam grãos, carnes e madeiras, em seguida desenvolveram uma atividade industrial de mercado interno, em função da agricultura, que logo se transformou em atividade industrial exportadora (North, 1977).

O grande volume das exportações norte-americanas e canadenses reduziram os preços dos alimentos e matérias-primas na Europa e produziram um fluxo de renda que financiaram a implantação da imensa infra-estrutura dessas economias. Por outro lado, os amplos mercados dos Estados Unidos e da Europa geraram economias de escala, redução dos custos médios, elevação da taxa de lucro, aumento dos investimentos no conjunto da economia e um processo cumulativo ascensional de desenvolvimento econômico.

No Brasil, da mesma forma, muitas regiões se desenvolveram com base nas exportações de alguns produtos básicos. Na medida em que esses produtos proporcionavam renda suficiente, haviam impactos positivos sobre o crescimento urbano, a abertura de novas estradas e a dinamização dos serviços, do comércio e da indústria. Para as regiões brasileiras, o grande problema sempre foi a instabilidade dos mercados dos principais produtos de ex-

portação, como charque, açúcar, algodão e minérios. Na medida em que a base exportadora era pouco diversificada, o produto total e o emprego total flutuavam significativamente em função de variações dos preços e, então, das quantidades ofertadas. As crises periódicas dificultavam o crescimento econômico e o surgimento de atividades industriais ligadas.

Com o surgimento do café, a base exportadora brasileira tornou-se muito mais dinâmica e os seus impactos bem mais significativos. Os preços internacionais do café permaneceram relativamente estáveis ao longo do tempo, graças ao controle da oferta brasileira de café. Isso se deve ao acordo de Taubaté, de 1906. Em função desse acordo, os cafeicultores passaram a formar um fundo constituído por um dólar por saca de café exportada. Com esses recursos, os excessos da oferta brasileira de café eram comprados pelos próprios produtores, o que evitava pressões de oferta sobre os preços internacionais do produto.

Com o aumento das exportações de café, a renda *per capita* do Brasil cresceu 1,5% ao ano entre 1850 e 1950. Segundo Celso Furtado, o “atraso” da economia brasileira se deve à estagnação econômica havida entre 1780 e 1850 e não ao desempenho do período 1850-1950. Segundo esse autor, se a renda *per capita* do Brasil houvesse crescido 1,5% desde 1800, em 1950 o Brasil teria uma renda *per capita* de US\$ 500 que era o nível da renda *per capita* dos principais países da Europa naquele ano (Furtado, 1970).

Os primeiros trabalhos da CEPAL condenavam a monocultura exportadora, em função das crises periódicas sobre o conjunto da economia, provocadas pela queda dos preços dos produtos primários exportados. Originalmente, os economistas cepalinos não deram muita importância ao SE, embora houvessem enfatizado a necessidade de diversificar a pauta exportadora e os mercados externos. A recomendação básica era promover a industrialização mediante substituição de importações. Em 1964, Prebisch reconheceu a necessidade de incentivar-se as exportações de produtos manufaturados, “principalmente daqueles que ultrapassaram a primeira fase do processo de industrialização” (Prebisch, 1964, p. 15). Exportando bens manufaturados, atingia-se três objetivos básicos: promover a industrialização, obter divisas externas e gerar economias de escala na indústria.

Na literatura neoclássica tem-se enfatizado que as altas taxas de crescimento dos países do Sudeste asiático deve-se ao estímulo que esses países têm dado às suas exportações, principalmente de produtos manufaturados, intensivos em tecnologia e trabalho qualificado. Segundo Kravis (apud Balassa, 1989, p. 1649), os países subdesenvolvidos que seguiram as recomendações da CEPAL tornaram-se muito protecionistas, taxando fortemente suas importações de bens manufaturados e mantendo impostos na exportação de produtos primários. Como resultado, entre 1953 e 1966, esses países perderam participação no mer-

cado internacional, com suas exportações de produtos primários crescendo apenas 1,8%, enquanto as mesmas exportações por parte dos países desenvolvidos cresceram 5,7%. A insuficiência de divisas explicou em grande parte o estrangulamento externo e a redução da taxa de crescimento do produto nacional.

A experiência sul-coreana, assim como a da China do final dos anos de 1980, tendem a indicar que o crescimento econômico torna-se mais acelerado quando liderado pelas exportações, do que por substituição de importações, sobretudo na sua forma mais pura. Entre 1965 e 1979 o PIB sul-coreano cresceu 9% ao ano e o setor industrial 19%. No final dos anos de 1980, o crescimento econômico sul-coreano acelerou-se ainda mais, puxado por suas exportações e esse país começou a pagar o principal de sua dívida (Souza, 1999, p. 377). A renda *per capita* sul-coreana cresceu 6,4% ao ano, entre 1965 e 1987, contra apenas 2% ao ano para o caso dos 17 países mais endividados (Collins, 1990, p. 104).

Entre 1970 e 1993, a estrutura da economia sul-coreana modificou-se substancialmente. A liderança do crescimento coube às exportações de máquinas e materiais de transporte, que passaram de 7% para 43% do total exportado anualmente (Souza, 1999, p. 379). Exportações de produtos intensivos em tecnologia e capital humano têm sido apontadas como o principal fator do desenvolvimento sul-coreano, ao lado de outros fatores, como alta taxa de poupança, planejamento estatal, continuidade de políticas econômicas, grandes investimentos em educação e cooperação entre governo e setor privado (Yoon e Souza, 2001).

2.3 Síntese dos fundamentos do conceito de base exportação

Em resumo, os principais argumentos acerca das vantagens de um modelo voltado ao crescimento das exportações são os seguintes:

- a) **Complementar o mercado interno.** O SMI pode estar trabalhando com capacidade ociosa, se a demanda interna estiver saturada. Se o consumo interno cresce menos do que a oferta interna, então as exportações desafogam os estoques não vendidos.
- b) **Gerar economias de escala.** O aumento das exportações diluem os custos fixos, reduzindo os custos médios. O aumento da margem de lucro estimula os investimentos, o que gera novos empregos no SMI pelos efeitos de multiplicação.
- c) **Melhorar a eficiência produtiva interna.** A concorrência nos mercados externos leva à especialização e à manutenção de elevados padrões de eficiência e competitividade. Os contatos internacionais geram novos conhecimentos que são repassados ao SMI.
- d) **Melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.** O aumento das exportações reduz

a ociosidade da economia e aumenta o emprego dos recursos disponíveis como terras, minerais, mão-de-obra, empresariado e capitais.

e) **Interdependências tecnológicas e econômicas.** O crescimento das exportações repercute-se no SMI via efeitos de multiplicação da renda e do emprego. Isso ocorre pela demanda de serviços e pela compra de insumos e bens de capitais produzidos pelo SMI. Um complexo exportador como a General Motors no RS, agrupa em torno de si um conjunto de empresas fornecedoras que, por sua vez, compram de outras empresas localizadas no Estado, as quais adquirem bens e serviços locais. Os efeitos da empresa exportadora também podem ocorrer pela venda de insumos para empresas da área. Este é o exemplo de empresas de autopeças que fornecem insumos para a indústria automobilística do centro do País, assim como para a própria GM no RS.

03. EXPORTAÇÕES E CRESCIMENTO ECONÔMICO DO RS

O Estado do Rio Grande do Sul já foi considerado o celeiro do Brasil, através da pecuária, que se desenvolveu com a exportação de charque e mulas para o centros urbanos e de mineração da Região Sudeste. Isso ocorreu com o desenvolvimento da economia cafeeira no Rio de Janeiro e São Paulo e com o ciclo do ouro em Minas Gerais. O charque era utilizado principalmente para alimentação de escravos e as mulas para tração nas minas.

3.1 A formação da economia do Rio Grande do Sul

A triticultura do RS entrou em declínio por ser menos rentável do que a pecuária. As charqueadas gaúchas, baseada no trabalho escravo, era no entanto menos produtivas do que as charqueadas platinas. Porto Alegre retomou mais tarde sua hegemonia, em relação a Pelotas, com a emigração alemã e o declínio das charqueadas (Singer, 1974, p. 154).

Com as emigrações alemã e italiana, aumentou a produção de banha, farinhas, feijão, milho, erva-mate e fumo, sendo a maior parte da produção destinada ao mercado local. Aos poucos, os excedentes passaram a serem exportados, sendo a maior parte escoada pelo porto de Porto Alegre. A navegação fluvial foi o principal meio de transporte de produtos. Com a chegada das ferrovias, as colônias conheceram desenvolvimento considerável, provocando melhoramentos urbanos em Porto Alegre e São Leopoldo (Singer, 1974, p. 163).

Com o desenvolvimento decorrente, formaram-se empresas industriais e comerciais em Porto Alegre por empresários e capitais imigrantes. No final do Século XIX surgiram a Faculdade de Medicina e as Escolas de Engenharia e de Direito, juntamente com um pró-

pero artesanato: ferreiros, serralheiros, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, tecelões, alfaiates. Com o aumento do dinheiro em circulação cresceu a importação, o que deu surgimento às casas comerciais de importação. Estavam criadas as condições para o aparecimento da indústria, o que se materializou com a criação de fundições, serralherias, construção de navios, fabricação de cigarros, vinagre e cerveja (Singer, 1974, p. 171).

A substituição de importações intensificou-se no Brasil como um todo na década de 1890, mas a produção manufatureira das diferentes “ilhas industriais” destinava-se aos mercados locais. Esses centros estavam protegidos da concorrência de fora pelos altos custos de transporte. São Paulo ainda não se constituía no centro industrial hegemônico.

Em 1907, o maior centro produtor era o RJ, com 33,1% do total do Brasil, seguido por SP (16,5%), RS (14,9%) e MG (4,8%). Em 1920, SP já detinha o maior volume da produção industrial brasileira (31,5%), seguido por RJ (20,8%) e o RS (11%). Em 1958, essa posição passou a ser a seguinte: SP (53,2%), RJ (11,2%), RS (8,1%) e MG (5,7%). Como se observa, a indústria gaúcha cresceu bem menos do que o conjunto da indústria brasileira. Entre 1907 e 1958, enquanto a produção da indústria brasileira foi multiplicada por 25, a produção da indústria gaúcha cresceu apenas 13 vezes (Singer, 1974, p.177 e 179).

Essa maior performance da indústria brasileira, na verdade, deve ser tributada ao desempenho da indústria paulista. Segundo Singer (1974), o maior dinamismo da indústria paulista se deve ao fato da capital paulistana dispor de “uma área tributária maior”, ou seja, pela maior dimensão de seu SMI. Além disso, o crescimento da economia cafeeira proporcionou o desenvolvimento das ferrovias, interligando os centros produtores aos portos e aos centros urbanos, o que reduziu os custos de transporte e aumentou o alcance dos bens.

A indústria de São Paulo pôde contar com uma população mais numerosa e com maior nível de renda, em função da introdução do trabalho assalariado na economia cafeeira de exportação. Essa dificuldade a indústria do RS poderia ter contornado se fosse possível aumentar as suas exportações internacionais, o que teria aumentado os meios de pagamentos internos e dinamizado a economia como um todo. No entanto, isso só foi ocorrer no início dos anos de 1960, como será visto adiante.

3.2 Crescimento econômico do RS e desempenho de sua base econômica

Durante muitos anos o RS foi considerado como o celeiro do Brasil. Por volta de 1940 a fronteira agrícola do Estado esgotou-se e grande número de agricultores gaúchos deslocaram-se para o oeste de Santa Catarina e do Paraná. A fronteira agrícola brasileira estendeu-

se mais tarde para a Região Centro-Oeste, deslocando parte da produção gaúcha. No entanto, as relações entre exportações e crescimento do PIB mantiveram-se bastante fortes entre 1951 e 1966, como atesta o estudo de Souza (1980 e 1982). Nesse trabalho, verificou-se a existência de alta correlação entre o crescimento do PIB e crescimento das exportações (coeficiente de correlação R^2 igual a 93%). Excluindo-se as exportações do PIB, obtém-se o produto do SMI. Nesse caso, o R^2 entre este último produto e as exportações foi de 85%, indicando que o dinamismo do SMI do RS deveu-se à base exportadora.

Restam, portanto, 15% de variações no SMI não explicadas pela base exportadora (X). Acrescentando-se a X os gastos da União no Estado (U), no período, obteve-se a base econômica ($B=X+U$). O R^2 subiu para 95% para o PIB e para 89% para o SMI. Defasando-se ($X+U$) de um ano, R^2 elevou-se para 94,6% para o SMI e para 95,3% para o conjunto do PIB (Souza, 1982, p. 124). Isso quer dizer que os gastos da União no Estado e as exportações de determinado ano vão explicar, de preferência, o nível do produto do ano seguinte. Em outras palavras, as interdependências entre as atividades econômicas não se verificam de imediato, mas necessitam de um determinado prazo para que elas se concretizem.

3.3 Crescimento econômico do RS e desempenho de suas exportações internacionais

A partir dos anos de 1960, as exportações gaúchas para o mercado internacional passaram a crescer rapidamente. Em 1960, 91% das exportações gaúchas destinavam-se ao mercado nacional, restando apenas 9% para o mercado internacional. Em 1966 este último percentual passou para 22%, chegando a 30% em 1972. De outra parte, as exportações gaúchas de produtos industrializados elevaram-se de 30% das exportações totais em 1960, para 42% em 1970 (Souza, 1979, p. 436).

Essa mudança de estrutura resultou, principalmente da crise econômica de meados dos anos de 1960 e da mudança do modelo econômico, resultando no aumento da abertura da economia nacional às exportações, através de incentivos fiscais e outras medidas de política. Com a recessão interna, a economia procurou direcionar as suas vendas para o mercado externo. De outra parte, o ingresso de capitais externos e o aumento dos financiamentos industriais favoreceram a reestruturação econômica e o crescimento industrial. Apesar disso, entre 1965 e 1969, o desempenho da economia gaúcha ficou abaixo da média brasileira e ainda bem mais inferior ao crescimento ocorrido em SC e no PR (Tabela 1).

As exportações gaúchas cresceram menos entre 1965/1969 (11,9%) do que haviam crescido entre 1960/1964 (35,4%). A taxa média de crescimento do PIB reduziu-se de

6,2% no quinquênio anterior, para 4,2% entre 1965 e 1969. Já no período seguinte, tanto as exportações internacionais, como o PIB do RS cresceram acima da média brasileira. Esse desempenho foi superior ao de SC e PR em termos de exportações e praticamente igual no que diz respeito ao PIB. O principais produtos exportados pelo RS foram, principalmente, soja, calçados, fumo e artigos da metal-mecânica.

Tabela 1 – Taxa média anual de crescimento do PIB e das exportações do Brasil e dos Estados da Região Sul, por quinquênio, 1960 a 2001 (%)

Período	Brasil		Rio Grande do Sul		Santa Catarina		Paraná	
	PIB	Exportações	PIB	Exportações	PIB	Exportações	PIB	Exportações
1960/1964	4,8	3,5	6,2	35,4	2,3	-1,3	2,4	18,1
1965/1969	5,7	8,5	4,2	11,9	8,7	0,6	9,6	19,6
1970/1974	14,6	20,5	19,6	30,8	24,9	21,7	20,7	14,3
1975/1979	10,1	5,3	6,9	5,6	9,0	11,4	7,6	9,4
1980/1984	0,1	5,8	0,5	6,5	3,4	14,8	-3,8	5,0
1985/1989	0,7	4,5	3,5	4,3	-0,2	10,8	4,1	1,7
1990/1994	-1,0	3,8	-1,4	4,8	2,3	12,3	-3,7	6,0
1995/1999	2,2	-0,1	-0,7	-1,9	2,2	-0,8	2,9	0,7
2000/2001	-	7,5	-	9,9	-	6,0	-	13,5
Média 1960/2001	4,6	6,5	4,8	11,4	6,7	8,7	5,0	9,2

Fonte dos dados brutos: Souza (1998, Tabela A6).

Obs.: a) tratam-se das exportações internacionais de cada Estado; b) Para o PIB, a média é do período 1960/1999.

O aumento da capacidade de importar, o ingresso de capitais externos, os financiamentos industriais via BRDE/BNDES, a expansão das exportações e o otimismo geral da economia foram os principais fatores do crescimento econômico do RS. Já na segunda metade dos anos de 1970, com as duas crises do petróleo, reduziu-se tanto o ritmo de expansão das exportações, como o crescimento do PIB. O efeito dessa crise parece ter sido mais intenso no RS do que no conjunto do País.

A redução da taxa de crescimento das exportações repercutiu-se desfavoravelmente no ritmo de crescimento do PIB, o qual esteve próximo de zero, em média, nos primeiros anos da década de 1980, recuperando-se ligeiramente entre 1985/89, para tornar-se negativo na primeira metade dos anos de 1990. Evidentemente que a redução do ritmo exportador não foi o único elemento a explicar o fraco desempenho da economia. As altas taxas inflacionárias e o crescimento da dívida externa reduziram os investimentos, provando recessão e desemprego. Como se observa na Tabela 1, a economia gaúcha acompanhou a recessão do conjunto da economia nacional na primeira metade dos anos de 1980 e de 1990, mas a sua crise foi menos intensa do que na economia paranaense.

Apesar das crises, houve forte mudança da estrutura produtiva do RS desde 1980 (Tabela 2). Entre 1980 e 2000, observa-se que a participação das exportações gaúchas de produtos manufaturados nas suas exportações totais passou de 35,5% para 61,3%. Essa mudança de estrutura modificou-se com mais intensidade nos anos de 1990, pela maior abertura da economia ao exterior e pela estabilidade trazida pelo Plano Real. No mesmo período, as participações das exportações de produtos básicos caiu de 50,2% para 26,7% e a

participação das exportações de produtos semi-manufaturados declinou de 12,9% para 10,8%. Isso indica que industrialização do RS tem sido impulsionada pelas exportações manufaturadas, o que influencia fortemente a taxa do crescimento do PIB (ver Tabela 3).

Tabela 2 – Estrutura das exportações totais do RS por grupos de produtos, 1980/2001(%)

Anos	Produtos Básicos	Industrializados (A+B)	Semi-manufaturados (A)	Manufaturados (B)	Operações Especiais	TOTAL
1980	50,2	48,4	12,9	35,5	1,5	100
1985	35,4	63,5	11,8	51,7	1,1	100
1990	37,2	62,5	11,9	50,6	0,3	100
1995	28,9	70,7	14,8	55,9	0,4	100
2000	26,7	72,1	10,8	61,3	1,1	100
2001	34,7	64,4	10,5	53,9	0,9	100

Fonte dos dados brutos: Mdic/Sesex.

Como se observa, a correlação entre exportações e o PIB são mais fortes no RS do que em SC, PR e para o Brasil em seu conjunto. A menor correlação de SC e do PR pode ser explicada pelas fortes ligações dessas economias com o mercado interno nacional, devido à maior proximidade com os principais centros consumidores do País.

Tabela 3 – Correlação entre as exportações internacionais e o Produto Interno Bruto do Brasil e dos Estados da Região Sul, 1960/1995

Coefficiente de	BR	RS	SC	PR
Correlação	0,916	0,954	0,816	0,855
Determinação	0,840	0,910	0,666	0,731

Fonte dos dados brutos: Tabela A1 em anexo.

04. EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO DO RS, 1991/2001

Os anos de 1990 foram caracterizados pela abertura da economia brasileira às importações, no contexto do plano nacional de modernização industrial, e pelo fim do processo inflacionário. As políticas comerciais tinham também como objetivo combater a inflação, ao aumentar a oferta interna de bens, no contexto da âncora cambial (ver Berni e Souza, 2001). Assim, o desempenho do setor externo do Brasil e dos diferentes Estados apresentaram uma evolução bastante diferenciada nos anos de 1990 em relação à década anterior.

4.1 Evolução das exportações do Rio Grande do Sul, 1991/2001

Entre 1991 e 2001, as exportações do RS cresceram 1,8% em média, abaixo do ritmo de crescimento das exportações do Brasil (2,8%), de SC (2,8%) e do PR (6,9%). No RS a queda das exportações foi mais intensa em 1998 e 1999 sendo o seu crescimento negativo em 1994 (- 5,7%), enquanto no PR o crescimento das exportações foi de 37,2%, 6,2% em SC e 9,7% no Brasil como um todo (Tabela 4). As exportações do RS são portanto mais sensíveis às crises externas e à políticas comerciais adversas do Governo Federal.

Tabela 4 - Exportações totais do Brasil e dos Estados da Região Sul, 1991/2001

Anos	BR		RS		SC		PR	
	Valor *	Var. anual (%)	Valor *	Var. anual (%)	Valor *	Var. anual (%)	Valor *	Var. anual (%)
1991	41.143.544	-	4.286.331	-	1.964.483	-	2.351.509	-
1992	44.695.978	8,6	5.418.629	26,4	2.235.067	13,8	2.634.881	12,1
1993	46.742.118	4,6	6.278.001	15,9	2.664.925	19,2	3.008.029	14,2
1994	51.254.934	9,7	5.917.174	-5,7	2.830.444	6,2	4.127.627	37,2
1995	53.353.082	4,1	5.944.515	0,5	3.042.464	7,5	4.092.542	-0,8
1996	53.439.652	0,2	6.338.927	6,6	2.951.757	-3,0	4.752.154	16,1
1997	57.581.052	7,7	6.814.360	7,5	3.048.799	3,3	5.274.574	11,0
1998	54.641.859	-5,1	6.013.950	-11,7	2.783.714	-8,7	4.517.523	-14,4
1999	50.491.060	-7,6	5.256.886	-12,6	2.699.959	-3,0	4.135.667	-8,5
2000	56.407.794	11,7	5.918.676	12,6	2.776.791	2,8	4.497.513	8,7
2001	58.222.642	3,2	6.345.359	7,2	3.028.399	9,1	5.317.509	18,2
Taxa de cres. 1991/01**		2,8	-	1,8	-	2,8	-	6,9

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1.000 a preços de 2001 ** Taxa média geométrica de crescimento entre 1991 e 2001.

Nesse período, foram as exportações de produtos semi-industrializados do RS que mais cresceram (2,6%), seguido de produtos manufaturados (1,7%) e de produtos básicos (1,3%), conforme a Tabela 5. As exportações manufaturadas cresceram bastante entre 1992 e 1993, declinando nos dois primeiros anos do Plano Real e em 1998 e 1999. No ano 2000, em função da desvalorização do real, as exportações manufaturadas passaram a crescer rapidamente (21,8%). O crescimento negativo em 2001 (-5,8%) se deve à crise da economia argentina, um dos principais importadores do Brasil.

Tabela 5 - Exportações do RS por grupos de produtos e variação anual, 1991/2001*

Anos	Básicos	%	Industria- lizados	%	Semi- indus- triali- zados	%	Manufatu- rados	%	Operações especiais	Exportações totais	%
1991	1.333	-	2.942	-	467	-	2.476	-	12	4.286	-
1992	1.897	42,3	3.505	19,1	543	16,4	2.962	19,7	17	5.419	26,4
1993	2.017	6,3	4.246	21,1	583	7,3	3.663	23,6	15	6.278	15,9
1994	1.782	-11,7	4.112	-3,1	730	25,3	3.382	-7,7	23	5.917	-5,7
1995	1.721	-3,4	4.202	2,2	878	20,2	3.324	-1,7	22	5.945	0,5
1996	2.012	16,9	4.302	2,4	779	-11,2	3.523	6,0	24	6.339	6,6
1997	2.352	16,9	4.434	3,1	769	-1,3	3.665	4,0	28	6.814	7,5
1998	1.880	-20,1	4.099	-7,6	757	-1,5	3.341	-8,8	35	6.014	-11,7
1999	1.560	-17,0	3.661	-10,7	681	-10,1	2.980	-10,8	37	5.257	-12,6
2000	1.583	1,5	4.268	16,6	639	-6,2	3.629	21,8	68	5.919	12,6
2001	2.205	39,3	4.084	-4,3	666	4,2	3.418	-5,8	57	6.345	7,2
Taxa cres.91/01**	1,3	-	1,8	-	2,6	-	1,7	-	-	-	1,8

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1.000.000 a preços de 2001 ** Taxa média geométrica de crescimento entre 1991 e 2001.

Em 2001, as exportações totais do Estado ainda cresceram razoavelmente (7,2%), graças ao bom desempenho das exportações de produtos básicos (+39,3%). Nesse ano, em relação às exportações totais, caíram as participações das exportações de bens de capital, de bens de consumo e de outras exportações, com um ligeiro aumento da participação das exportações de bens intermediários, de 53,2% para 54,6% (Tabela 6).

Tabela 6 - Exportações Rio Grande do Sul por tipos de bens, 2000 e 2001 *

Países	2001	%	2000	Participação %	Varição anual (%)
Bens de capital	514.408.671	8,1	494.606.262	8,4	4,0
Bens intermediários	3.462.578.400	54,6	3.151.172.678	53,2	9,9
Bens de consumo	2.308.127.210	36,4	2.200.343.576	37,2	4,9
Combustíveis e lubrificantes	3.558.955	0,1	4.951.426	0,1	-28,1
Outras exportações	56.685.608	0,9	67.601.539	1,1	-16,1
Total das exportações	6.345.358.844	100,0	5.918.675.481	100,0	7,2

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1.000.000 a preços de 2001.

4.2 Evolução das importações, 1991/2001

Em relação às importações, o Plano Real foi favorável à sua rápida expansão (Tabela 7). A valorização cambial barateou as importações, que cresceram quase 30% entre 1993 e 1995. As maiores taxas de crescimento das importações de produtos básicos ocorreram em 1994 (62,7%) e em 2000 (41,9%), enquanto a maior taxa de crescimento da importação de produtos manufaturados ocorreu em 1995 (47,8%). Com a crise cambial, as importações totais caíram 25,4% em 1999 e 1,6% em 2001.

Tabela 7 - Importações do RS por grupos de produtos e variação anual, 1991/2001 *

Anos	Básicos	%	Industrializados	%	Semi-industrializados	%	Manufaturados	%	Importações totais	%
1991	735	-	1.240	-	326	-	915	-	1.975	-
1992	464	-36,9	1.184	-4,5	267	-18,0	917	0,2	1.648	-16,6
1993	616	32,8	1.501	26,8	304	14,0	1.197	30,6	2.118	28,5
1994	1.003	62,7	1.714	14,2	286	-6,2	1.429	19,3	2.717	28,3
1995	1.080	7,7	2.383	39,0	271	-5,2	2.112	47,8	3.462	27,4
1996	1.180	9,3	2.582	8,4	264	-2,6	2.318	9,8	3.762	8,7
1997	1.113	-5,7	3.033	17,5	264	0,1	2.769	19,5	4.147	10,2
1998	1.027	-7,8	3.600	18,7	251	-5,2	3.349	20,9	4.626	11,6
1999	711	-30,7	2.731	-24,1	233	-7,2	2.498	-25,4	3.442	-25,6
2000	1.010	41,9	3.109	13,8	287	23,3	2.822	13,0	4.118	19,6
2001	1.006	-0,3	3.044	-2,1	286	-0,4	2.759	-2,2	4.051	-1,6
Taxa cres.91/01**	4,7	-	10,8	-	-	-1,3	-	12,9	-	9,1

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1.000.000 a preços de 2001 e ** Taxa média geométrica de crescimento entre 1991 e 2001.

Ao longo do tempo, as importações de produtos básicos tem se reduzido e ficado em torno de 25% do total. A grande expansão verifica-se em relação às importações de manufaturados (quase 70%), e com queda das importações de semi-industrializados (Tabela 8).

Em 2001, embora as importações totais tenham caído 1,6%, as importações de bens de capital passaram de 15% do total em 2000, para 20,5% em 2001. Ligeiro aumento ocorreu em relação aos bens intermediários e bens de consumo, com queda sensível da participação das importações de combustíveis e lubrificantes (Tabela 9). O crescimento da demanda de importações tem sido maior por parte das indústrias.

Tabela 8 - Estrutura das importações do Rio Grande do Sul por grupos de produtos, 1991/2001 (%)

Anos	Básicos	Industrializados	Semi-industrializados	Manufaturados	Importações totais
1991	37,2	62,8	16,5	46,3	100,0
1992	28,2	71,8	16,2	55,6	100,0
1993	29,1	70,9	14,4	56,5	100,0
1994	36,9	63,1	10,5	52,6	100,0
1995	31,2	68,8	7,8	61,0	100,0
1996	31,4	68,6	7,0	61,6	100,0
1997	26,8	73,2	6,4	66,8	100,0
1998	22,2	77,8	5,4	72,4	100,0
1999	20,7	79,3	6,8	72,6	100,0
2000	24,5	75,5	7,0	68,5	100,0
2001	24,8	75,2	7,1	68,1	100,0

Fonte dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br)

Tabela 9 - Importações Rio Grande do Sul por tipos de bens, 2000 e 2001 *

Países	2001	%	2000	Participação %	Varição anual (%)
Bens de capital	829.624.020	20,5	615.875.419	15,0	34,7
Bens intermediários	1.664.307.894	41,1	1.663.214.204	40,4	0,1
Bens de consumo	328.190.456	8,1	322.660.515	7,8	1,7
Combustíveis e lubrificantes	1.228.595.099	30,3	1.516.268.135	36,8	-19,0
Total das exportações	4.050.717.469	100,0	4.118.018.273	100,0	-1,6

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1.000.000 a preços de 2001.

4.3 Destino das exportações e Origem das importações

O destino das exportações do RS dos últimos dois anos está relacionado na Tabela 10. Observa-se que os Estados Unidos absorve mais de 25% das exportações totais do Estado e a Argentina cerca de 10%. Entre 2000/01, a participação desses dois países nas exportações gaúchas se reduziu, com um ligeiro aumento da participação das exportações para a China, Espanha, Holanda, Países Árabes, França, Rússia, Venezuela, Coreia, África do Sul, entre outros países. Reduziu-se a participação das exportações para o Reino Unido, Alemanha, Itália, Uruguai, Japão, Chile, Paraguai, etc. As exportações para esses 30 países permaneceu relativamente constante, absorvendo cerca de 88% das exportações do RS.

Quando se compara as exportações do RS por blocos econômicos de destino (Tabela 11), constata-se que o Mercosul ocupa a 4ª posição, com participação decrescente nas exportações totais (17,2% em 2000 para 13,2% em 2001). A União Européia vem em 2º lugar, com mais de 20% de participação. Em 2001, as exportações para a Ásia, exceto Oriente Médio, ultrapassaram as exportações para o Mercosul, em função da crise da Argentina, que afetou o conjunto do bloco. A participação das exportações gaúchas para os demais blocos aumentou de 12,3% para 15,6% entre 2000/01, mostrando que o RS participa do esforço da economia brasileira em diversificar o destino de suas vendas externas.

Com relação à origem das importações, a Argentina ocupa o 1º lugar, porém com participação decrescente entre 2000 e 2001, de 31,7% para 25,5%, enquanto a participação dos Estados Unidos e Nigéria é crescente (Tabela 12). A crise Argentina acabou também

Tabela 10 - Exportações Rio Grande do Sul segundo o país de destino, 2000 e 2001 *

	Países	2001	Partic. %	2000	Partic. %	Variação anual (%)
1	Estados Unidos	1.616.005.276	25,5	1.613.372.836	27,3	0,2
2	Argentina	573.508.957	9,0	676.957.637	11,4	-15,3
3	China	370.852.769	5,8	255.050.048	4,3	45,4
4	Reino Unido	218.714.799	3,4	215.550.616	3,6	1,5
5	México	216.170.521	3,4	203.684.231	3,4	6,1
6	Alemanha	210.512.981	3,3	198.426.822	3,4	6,1
7	Itália	203.404.895	3,2	211.563.451	3,6	-3,9
8	Espanha	195.071.633	3,1	158.571.954	2,7	23,0
9	Holanda	193.895.417	3,1	174.148.078	2,9	11,3
10	Uruguai	155.746.098	2,5	193.537.553	3,3	-19,5
11	Japão	145.946.848	2,3	154.789.587	2,6	-5,7
12	Chile	140.163.634	2,2	142.413.421	2,4	-1,6
13	Bélgica	112.001.699	1,8	106.416.365	1,8	5,2
14	Paraguai	107.914.019	1,7	150.428.494	2,5	-28,3
15	Hong Kong	105.820.448	1,7	106.110.065	1,8	-0,3
16	Irã	102.120.634	1,6	56.270.422	1,0	81,5
17	Arábia Saudita	91.086.814	1,4	47.477.670	0,8	91,9
18	França	91.068.885	1,4	57.624.334	1,0	58,0
19	Rússia	86.877.894	1,4	29.636.090	0,5	193,1
20	Venezuela	78.983.535	1,2	46.681.622	0,8	69,2
21	Coréia do Sul	76.915.667	1,2	48.965.284	0,8	57,1
22	África do Sul	65.606.066	1,0	43.468.908	0,7	50,9
23	Índia	58.178.898	0,9	17.277.194	0,3	236,7
24	Provisão de navios e aeronaves	56.164.157	0,9	67.277.536	1,1	-16,5
25	Colômbia	55.420.279	0,9	38.286.337	0,6	44,8
26	Tailândia	52.576.519	0,8	26.533.074	0,4	98,2
27	Suíça	49.097.979	0,8	15.532.593	0,3	216,1
28	Canadá	48.771.135	0,8	57.309.720	1,0	-14,9
29	Bolívia	44.927.973	0,7	41.780.974	0,7	7,5
30	Filipinas	39.253.618	0,6	39.521.090	0,7	-0,7
	Total dos principais países	5.562.780.047	87,7	5.194.664.007	87,8	7,1
	Demais países	782.578.797	12,3	724.011.474	12,2	8,1
	Exportações totais	6.345.358.844	100,0	5.918.675.481	100,0	7,2

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1,00 a preços de 2001.

desviando importações de trigo e petróleo para esses dois países. Com aumento da participação nas importações totais do RS estão a Alemanha, Suécia, França, Reino Unido, Chile, Israel, etc. Com decréscimo de participação encontram-se o Uruguai, Argélia, Itália, Rússia, Venezuela, Japão, Canadá, Espanha, entre outros países.

Tabela 11 - Exportações Rio Grande do Sul segundo os blocos econômicos de destino, 2000 e 2001 *

Países	2001	%	2000	Participação %	Variação anual (%)
EUA inclusive Porto Rico	1.636.073.773	25,8	1.633.901.609	27,6	0,1
União Européia	1.314.989.944	20,7	1.228.395.519	20,8	7,0
Ásia, exceto Oriente Médio	987.666.568	15,6	791.164.884	13,4	24,8
Mercosul	837.169.074	13,2	1.020.923.684	17,2	-18,0
Aladi, exceto Mercosul	581.273.867	9,2	516.376.733	8,7	12,6
Demais blocos	988.185.618	15,6	727913053	12,3	35,8
Total das exportações	6.345.358.844	100,0	5918675481	100,0	7,2

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1,00 a preços de 2001.

A Tabela 13 apresenta a origem das importações do RS por blocos econômicos, onde se observa o grande peso das importações provenientes do Mercosul (36,6% para 30%). Observa-se que parcela significativa das importações do Mercosul desviou-se para a União

Tabela 12 - Importações Rio Grande do Sul segundo o país de origem, 2000 e 2001 *

Países	2001	Partic. %	2000	Partic. %	Varição anual (%)
1 Argentina	1.032.280.115	25,5	1.305.277.908	31,7	-20,9
2 Estados Unidos	527.180.225	13,0	479.767.085	11,7	9,9
3 Nigéria	480.581.359	11,9	200.597.568	4,9	139,6
4 Alemanha	263.471.832	6,5	211.307.451	5,1	24,7
5 Uruguai	181.871.760	4,5	193.541.927	4,7	-6,0
6 Argélia	162.981.387	4,0	379.278.515	9,2	-57,0
7 Itália	134.082.765	3,3	145.781.485	3,5	-8,0
8 Suécia	114.505.577	2,8	8.862.486	0,2	1.192,0
9 França	95.066.687	2,3	86.798.878	2,1	9,5
10 Rússia	79.558.137	2,0	95.308.985	2,3	-16,5
11 Reino Unido	78.218.545	1,9	61.265.114	1,5	27,7
12 Chile	61.998.904	1,5	56.937.294	1,4	8,9
13 Venezuela	60.285.655	1,5	113.490.416	2,8	-46,9
14 Israel	58.311.990	1,4	42.001.667	1,0	38,8
15 Japão	58.191.396	1,4	61.406.707	1,5	-5,2
16 Bolívia	48.900.834	1,2	17.396.706	0,4	181,1
17 Canadá	48.896.661	1,2	59.141.210	1,4	-17,3
18 Espanha	46.811.724	1,2	54.331.716	1,3	-13,8
19 Coréia do Sul	40.863.857	1,0	38.119.458	0,9	7,2
20 China	39.324.756	1,0	36.495.851	0,9	7,8
21 Taiwan	37.841.118	0,9	35.127.265	0,9	7,7
22 Marrocos	28.952.372	0,7	23.827.222	0,6	21,5
23 Austrália	25.502.663	0,6	33.383.102	0,8	-23,6
24 Holanda	18.651.651	0,5	17.719.449	0,4	5,3
25 Suíça	17.772.217	0,4	9.846.874	0,2	80,5
26 Portugal	16.775.277	0,4	12.577.730	0,3	33,4
27 África do Sul	16.027.040	0,4	12.194.834	0,3	31,4
28 México	15.816.955	0,4	18.013.869	0,4	-12,2
29 Indonésia	14.778.745	0,4	19.704.189	0,5	-25,0
30 Hong Kong	13.847.184	0,3	9.979.184	0,2	38,8
Total dos principais países	3.819.349.388	94,3	3.839.482.145	93,2	-0,5
Demais países	231.368.081	5,7	278.536.128	6,8	-16,9
Importações totais	4.050.717.469	100,0	4.118.018.273	100,0	-1,6

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1,00 a preços de 2001.

Europa, África e Estados Unidos. Contudo, houve um acréscimo de 1% das importações provenientes dos 30 países mais importantes, aumentando de 93,2% para 94,3%.

Tabela 13 - Importações Rio Grande do Sul segundo os blocos econômicos de origem, 2000 e 2001*

Países	2001	%	2000	Participação %	Varição anual (%)
Mercosul	1.215.783.988	30,0	1.505.360.942	36,6	-19,2
União Européia	811.875.971	20,0	651.697.601	15,8	24,6
África, exceto Oriente Médio	720.128.097	17,8	645.902.959	15,7	11,5
EUA inclusive Porto Rico	527.282.724	13,0	480.039.309	11,7	9,8
Ásia, exceto Oriente Médio	272.194.921	6,7	254.536.995	6,2	6,9
Demais blocos	503.451.768	12,4	580.480.466	14,1	-13,3
Total das importações	4.050.717.469	100,0	4.118.018.273	100,0	-1,6

Fontes dos dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1,00 a preços de 2001.

4.4 Principais produtos exportados e importados pelo RS

Os principais produtos exportados pelo RS são calçados, fumo, soja e derivados, frango, couros e peles preparadas, produtos químicos, carroçarias para veículos, motores, etc. (Tabela 14). A participação dos 10 principais produtos exportados nas exportações totais

Tabela 14 – Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul, 2000 e 2001 *

	Produtos	2.001	Participação (%)	2000	Partic. (%)	Varição anual (%)
1	Outros calçados de couro natural	885.279	14,0	927.336	15,7	-4,5
2	Fumo não manufaturado total ou parcial Virgínia	615.629	9,7	533.140	9,0	15,5
3	Outros grãos de soja mesmo triturados	483.411	7,6	271.173	4,6	78,3
4	Bagaços e outros resíduos da extração do óleo de soja	304.593	4,8	205.299	3,5	48,4
5	Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	247.474	3,9	209.654	3,5	18,0
6	Pedaços e miudezas de frango congelados	175.866	2,8	90.686	1,5	93,9
7	Carnes de frango não cortadas em pedaços, congeladas	155.854	2,5	98.063	1,7	58,9
8	Óleo de soja em bruto	145.942	2,3	81.489	1,4	79,1
9	Couro e peles bovinas preparadas	144.563	2,3	108.175	1,8	33,6
10	Fumo não manufaturado	120.966	1,9	118.659	2,0	1,9
11	Outros polietilenos sem carga	110.359	1,7	131.089	2,2	-15,8
12	Carroçarias para veículos automotores para transporte	97.827	1,5	87.884	1,5	11,3
13	Outros motores diesel para veículos	95.813	1,5	75.097	1,3	27,6
14	Milho em grão, exceto para semeadura	81.546	1,3	1	0,0	0,0
15	Outros calçados de borracha ou plástico	79.600	1,3	69.008	1,2	15,3
16	Pasta química para madeira	75.403	1,2	126.605	2,1	-40,4
17	Couros e peles de bovino "wet blue"	64.072	1,0	68.651	1,2	-6,7
18	Outros tratores	60.566	1,0	31.921	0,5	89,7
19	Outras carnes de suíno congeladas	59.226	0,9	48.178	0,8	22,9
20	Outras partes e acessórios para tratores e automóveis	56.958	0,9	52.654	0,9	8,2
21	Outros couros e peles de bovinos preparadas e curtidas	56.886	0,9	48.082	0,8	18,3
22	Consumo de bordo, combustíveis e lubrificantes para embarcações	53.095	0,8	64.563	1,1	-17,8
23	Polietileno sem carga	52.772	0,8	87.808	1,5	-39,9
24	Móveis de madeira para quarto de dormir	49.257	0,8	49.029	0,8	0,5
25	Outros móveis de madeira	43.712	0,7	53.326	0,9	-18,0
26	Veículos automóveis para transporte com motor diesel	42.060	0,7	30.600	0,5	37,5
27	Desperdícios de fumo	38.333	0,6	26.526	0,4	44,5
28	Outras obras de couro natural ou reconstituído	36.027	0,6	33.963	0,6	6,1
29	Outros calçados de couro natural e sola exterior de couro	35.854	0,6	39.765	0,7	-9,8
30	Outros aparelhos de ar condicionado para paredes e janelas	34.048	0,5	50.936	0,9	-33,2
31	Madeiras de coníferas, serrada ou cortada em folhas	33.793	0,5	27.567	0,5	22,6
32	Eter metil ter-butílico	31.896	0,5	41.559	0,7	-23,3
33	Benzeno	31.837	0,5	65.621	1,1	-51,5
34	Madeira de não conífera, em estilhas ou em partículas	31.103	0,5	32.048	0,5	-2,9
35	Pneus novos para motocicletas	30.733	0,5	31.966	0,5	-3,9
36	Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha ou plástico	29.205	0,5	43.365	0,7	-32,7
37	Proteína de soja em pó	28.100	0,4	22.912	0,4	22,6
38	Polietileno linear	27.710	0,4	61.290	1,0	-54,8
39	Outras espingardas e carabinas para caça ou tiro ao alvo	26.001	0,4	30.115	0,5	-13,7
40	Outras guarnições não montadas para freios de amianto	25.856	0,4	26.367	0,4	-1,9
41	Outras máquinas e aparelhos para colheita	25.668	0,4	24.958	0,4	2,8
42	Preparações alimentícias e conservas de bovinos	23.768	0,4	26.973	0,5	-11,9
43	Borracha de estireno, butadieno ou outras formas primárias	21.164	0,3	21.820	0,4	-3,0
44	Outros tipos de mate	21.135	0,3	20.621	0,3	2,5
45	Fumo não manufaturado	21.026	0,3	33.763	0,6	-37,7
46	Extrato tanante de mimosa	20.198	0,3	22.295	0,4	-9,4
47	Polipropileno sem carga em forma primária	18.421	0,3	44.845	0,8	-58,9
48	Borracha de etileno, propileno não conjugada em chapas	17.799	0,3	14.503	0,2	22,7
49	Outros condensadores fixos com dieletr. Papel ou plástico	17.199	0,3	22.706	0,4	-24,3
50	Facas de cozinha ou açougue de lâmina fixa de metal comum	16.446	0,3	17.973	0,3	-8,5
51	Outros fungicidas apresentados de outro modo	16.180	0,3	15.694	0,3	3,1
52	Butadieno não saturado	15.519	0,2	16.732	0,3	-7,3
53	Outros artefatos domésticos de aço inoxidável e partes	15.389	0,2	13.326	0,2	15,5
54	Motores diesel e semidiesel para veículos	15.351	0,2	8.560	0,1	79,3
55	Partes superiores de calçados e seus componentes	14.553	0,2	16.355	0,3	-11,0
56	Preparações alimentícias de frango e conservas de frango	14.312	0,2	6.322	0,1	126,4
57	Outras pedras preciosas e semipreciosas trabalhadas ou não	13.939	0,2	15.656	0,3	-11,0
58	Talheres de aço inoxidável.	13.923	0,2	12.904	0,2	7,9
59	Móveis de madeira para cozinha	13.722	0,2	13.569	0,2	1,1
60	Outros calçados de borracha ou plástico cobrindo o tornozelo	13.474	0,2	4.553	0,1	195,9
	Total dos principais produtos exportados	5.148.412	81,1	4.576.299	77,3	12,5
	Demais produtos exportados	1.196.947	18,9	1.342.376	22,7	-10,8
	Total das exportações do Rio Grande do Sul	6.345.359	100,0	5.918.675	100,0	0,2

Fontes: Mdic/Sessex e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States

(www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1,00 a preços de 2001.

do RS aumentou de 44,1% em 2000 para 51,7% em 2001. Isso indica que a economia gaúcha vem aproveitando as suas vantagens comparativas para aumentar as exportações totais.

Tabela 15 – Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul, 2000 e 2001 *

Produtos	2.001	Partic. %	2000	Partic.%	Var. anual (%)
1 Óleos brutos de petróleo	748.520	18,5	726.424	17,6	3,0
2 Naftas para petroquímica	238.757	5,9	371.290	9,0	-35,7
3 Outras naftas	143.956	3,6	336.918	8,2	-57,3
4 Outros couros e peles bovinas curtidas, sem acabamento	94.667	2,3	88.186	2,1	7,3
5 Outros cloretos de potássio	86.011	2,1	91.933	2,2	-6,4
6 Trigo e trigo com centeio	70.246	1,7	70.502	1,7	-0,4
7 Didrogênio e ortofosfato de amônio	54.870	1,4	40.939	1,0	34,0
8 Gás natural no estado gasoso	39.039	1,0	3.331	0,1	1072,0
9 Outros grupos eletrogeno	36.075	0,9	0	0,0	0,0
10 Uréia com teor de nitrogênio	35.734	0,9	50.347	1,2	-29,0
11 Automóveis com motor diesel	33.591	0,8	0	0,0	0,0
12 Outras partes e acessórios para tratores e automóveis	32.339	0,8	35.353	0,9	-8,5
13 Outros motores diesel e semidiesel	30.672	0,8	26.794	0,7	14,5
14 Arroz descascado não parbolizado	29.935	0,7	33.668	0,8	-11,1
15 Garrafas, garrafas, frascos e artigos semelhantes de plástico	26.241	0,6	11.591	0,3	126,4
16 Pneus novos para automóveis de passageiros	25.167	0,6	21.166	0,5	18,9
17 Outros compostos heterocíclicos	20.734	0,5	22.837	0,6	-9,2
18 Automóveis com motor de explosão	19.647	0,5	37.133	0,9	-47,1
19 Terminais fixos de telefonia celular sem fonte de energia	19.117	0,5	970	0,0	1871,4
20 Arroz com casca não parbolizado	18.772	0,5	12.741	0,3	47,3
21 Outros compostos heterocíclicos	18.728	0,5	3.869	0,1	384,1
22 Outras bobinas de reatância e auto-indução	18.577	0,5	441	0,0	4115,3
23 Arroz semibranqueado não parbolizado	18.414	0,5	8.244	0,2	123,4
24 Automóveis com motor a explosão	17.957	0,4	15.783	0,4	13,8
25 Outros motocompressores herméticos para equipamentos frigoríficos	17.590	0,4	17.792	0,4	-1,1
26 Transformadores elétricos	17.543	0,4	34	0,0	51302,2
27 Outros motores a diesel estacionários	17.480	0,4	3.170	0,1	451,5
28 Endossulfân	17.354	0,4	13.608	0,3	27,5
29 Outras borrachas misturadas não vulcanizadas em formas primárias	16.764	0,4	17.493	0,4	-4,2
30 Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	16.504	0,4	15.029	0,4	9,8
31 Butanos liquefeitos	16.184	0,4	8.387	0,2	93,0
32 Inseticidas para uso domissanitário direto	16.055	0,4	4.152	0,1	286,7
33 Outras caixas de marchas para tratores ou “dumpers”	15.937	0,4	1.619	0,0	884,6
34 Propano em bruto, liquefeito	15.880	0,4	14.847	0,4	7,0
35 Outros compostos orgânicos	15.621	0,4	16.432	0,4	-4,9
36 Chassis com motor para automóveis	15.576	0,4	2.241	0,1	595,0
37 Microprocessadores	15.349	0,4	8.361	0,2	83,6
38 Injetores para motores diesel ou semidiesel	15.275	0,4	15.302	0,4	-0,2
39 Outros nitratos de sódio potássico	15.213	0,4	12.278	0,3	23,9
40 Centrais automáticas para telefonia	15.049	0,4	11.178	0,3	34,6
41 Hidrogênio ortofosfato de diamônio	13.998	0,3	14.125	0,3	-0,9
42 Outras partes de transformadores e conversores	13.682	0,3	290	0,0	4618,8
43 Automóveis com motor a explosão	13.555	0,3	16.930	0,4	-19,9
44 Acido 2 hidroxi 4 cálcio	13.472	0,3	14.161	0,3	-4,9
45 Superfosfato teor de pentóxido de fósforo	12.935	0,3	21.774	0,5	-40,6
46 Outros ácidos fosfóricos	12.711	0,3	19.160	0,5	-33,7
47 Outros condutores elétricos para tensão	12.648	0,3	139	0,0	9015,2
48 Unidades de discos magnéticos para discos rígidos	12.517	0,3	5.522	0,1	126,7
49 Outros disjuntores para tensão igual ou superior a 72,5 Kv	12.473	0,3	4.875	0,1	155,8
50 Outras cebolas frescas ou refrigeradas	12.265	0,3	8.824	0,2	39,0
51 Cevada cervejeira	11.859	0,3	1.229	0,0	865,2
52 Etefon, difenilfosfonato	11.794	0,3	5.862	0,1	101,2
53 Couros e peles interior de bovino “wet blue”	10.900	0,3	18.733	0,5	-41,8
54 Outras partes de refrigeradores e congeladores	10.487	0,3	16.374	0,4	-36,0
55 Partes de outras turbinas a gás	10.251	0,3	4.219	0,1	143,0
56 Gás liquefeito de petróleo	10.214	0,3	41.085	1,0	-75,1
57 Nitrato de amônio mesmo em solução aquosa	10.047	0,2	7.371	0,2	36,3
58 Ferramentas de embutir e estampar	10.043	0,2	2.684	0,1	274,2
59 Papel jornal em rolos	9.973	0,2	19.475	0,5	-48,8
60 Fosfatos de cálcio naturais não moídos	9.905	0,2	10.553	0,3	-6,1
Total dos principais produtos importados	2.372.868	58,6	2.405.763	58,4	-1,4
Demais produtos importados	1.677.849	41,4	1.712.255	41,6	-2,0
Total das importações do Rio Grande do Sul	4.050.717	100,0	4.118.018	100,0	-1,6

Fontes: Mdic/Sessex e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi).

Obs.: * Valores em US\$ 1,00 a preços de 2001.

Entre os principais produtos, as exportações que mais cresceram entre 2000/2001 fo-

ram: Pedacos e miudezas de frango congelado (93,9%), Outros tratores (89,7%), Óleo de soja em bruto (79,1%), Outros grãos de soja mesmo triturados (78,3%), Carnes de frango não cortadas em pedacos, congeladas (58,9%), Bagaços e outros resíduos da extração do óleo de soja (48,4%), Couros e peles bovinas preparadas (33,6%) e Outros motores diesel para veículos (27,6%).

Com redução das exportações em termos reais, entre os principais produtos, tem-se Outros calçados de couro vegetal (-4,5%), Outros polietilenos sem carga (-15,8%), Pasta química para madeira (-40,4%), Polietileno sem carga (-39,9%) etc.

Observa-se na Tabela 14 que os 60 principais produtos exportados aumentaram a sua participação nas exportações totais do RS de 77,3% em 2000 para 81,1% em 2001, correspondendo a um acréscimo de 12,5%. Por outro lado, as exportações dos demais produtos caiu 10,6%, reduzindo a participação no total de 22,7% para 18,9%.

Os principais produtos importados pelo RS são Óleos brutos de petróleo, Naftas para petroquímica, Couros e peles curtidas sem acabamento, Produtos químicos, Trigo, Gás natural, Automóveis e componentes, Arroz, Pneus, etc. (Tabela 15). O principal produto importado são Óleos brutos de petróleo, cuja participação subiu de 17,6% em 2000 para 18,5% em 2001.

Ao contrário das exportações, os 10 principais produtos de importação reduziram sua participação nas importações totais do Estado de 43,2% para 38,2% no período. As maiores reduções foram de Naftas para petroquímica (- 35,7%) e Outras naftas (-57,3%); enquanto os maiores aumentos foram de Gás natural, em função da implantação do Gasoduto, Terminais fixos de telefonia celular, Outras bobinas de reatância e Transformadores elétricos, entre outros produtos.

No conjunto dos 60 produtos de importação mais importantes, a sua participação nas importações totais ficou relativamente constante e um pouco acima de 58%. Essas importações reduziram-se 1,4%, um pouco menos do que as demais importações (-2%).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho examinou as relações entre exportações e crescimento econômico, com o exemplo da economia do RS. A idéia é a de que as exportações constituem uma base econômica a partir da qual as economias regionais crescem e se diversificam. A teoria da base exportação diz que o dinamismo do setor exportador exerce efeitos de multiplicação sobre o produto e o emprego do SMI, via compra de insumos e distribuição de renda. O aumento

da produção das empresas locais, ampliando a escala produtiva, reduz os custos médios e aumenta a taxa de lucro, provocando novos investimentos e um processo acumulativo de crescimento e desenvolvimento.

Aumentando o tamanho da região e a economia regional se diversificando surgem outras variáveis exógenas explicando o crescimento regional, como investimentos no SMI e afluxos externos de renda. Assim, o conceito de base econômica é mais amplo do que o de base exportadora, envolvendo esta as exportações internacionais e as exportações para outras regiões do mesmo país. Muitas regiões em todo o mundo cresceram com base nas exportações de produtos primários, com as quais criaram uma indústria que mais tarde também se tornou exportadora. Para a economia gaúcha foi importante a produção de charque e grãos que eram escoados para o centro do País. Em estudo realizado para o período de 1951 a 1966, constatou-se que 85% das flutuações do PIB do RS foi explicado pelo crescimento de suas exportações totais. A partir de meados dos anos de 1960, as exportações internacionais passaram a ter importância crescente para a economia gaúcha.

Em 1980, 35% das exportações do RS eram de produtos manufaturados, percentual que aumentou para 61% em 2000. A grande importância dessas exportações torna a economia gaúcha muito vulnerável às adversidades da política econômica do Governo Federal. Assim, as exportações do RS se reduziram durante os primeiros anos do Plano Real e em 1998 e 1999 com os efeitos da crise externa. Em 2000 e 2001 as exportações cresceram, com reflexos positivos sobre o crescimento do PIB.

Excetuando a Argentina, com cerca de 10% das exportações gaúchas, o Mercosul não apresenta muita importância em termos de mercado para o RS. O Uruguai aparece em 10º lugar, com menos de 3% das exportações totais. As exportações para o Chile e o Paraguai chegam a pouco mais de US\$ 100 milhões, enquanto que as exportações para os Estados Unidos alcançaram mais de US\$ 1,6 bilhões de dólares nos dois últimos anos, ou 26% do total das exportações gaúchas. Em termos de blocos econômicos, o Mercosul aparece em 4º lugar, atrás dos EUA, União Européia e Ásia (exceto Oriente Médio).

Tendo em vista a relevância das exportações de produtos manufaturados no desenvolvimento econômico, principalmente aquelas de tecnologia intensiva, é muito importante que o RS possa ampliar ainda mais as suas exportações para os países desenvolvidos. Para isso, é necessário aumentar a sua competitividade, investindo em pesquisa e desenvolvimento e na educação profissionalizante. A atração de capitais externos também é vital para a implantação de novas indústrias exportadoras e modernização de empresas do SMI, o que está de acordo com os princípios da teoria da base econômica.

BIBLIOGRAFIA

- BALASSA, Bela. Outward orientation. In: CHENERY, Hollis & SRINIVASAN, T.N. (eds.). *Handbook of development economics*. Amsterdam: North Holland, 1989, v.2, cap.31, p.1645-1689.
- BERNI, Duílio de A. & SOUZA, Nali J. *Consequências econômicas da abertura comercial da economia brasileira: estudos setoriais*. Porto Alegre: NEP/PUCRS, Relatório de Pesquisa n. 5, 2001.
- COLLINS, Susan M. Lessons from Korean economic growth. *The American Economic Review: Papers and Proceedings*, v. 80, n. 2, May 1990.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1970.
- JAYME Jr., Frederico G. Notes on trade and growth. Trabalho apresentado no Seminário *Desenvolvimento no Século XXI* (Evento comemorativo do Centenário de Dom Rau Prebisch), IE/UFRJ, 30/8 a 1/9/2001.
- KOHLER, Romualdo. *Simulações acerca da relação entre oferta de moeda e crescimento de pequenas economias locais abertas*. Santa Cruz do Sul, Mestrado em Desenvolvimento Regional, Dissertação de Mestrado, 2001.
- LIMA, João Policarpo.e KATZ, Fred. Comércio externo e estratégias de crescimento: uma visão a partir do Nordeste. Anais do XXV Encontro Nacional de Economia, ANPEC, Recife, 1997.
- MEDEIROS, Carlos & SERRANO, Franklin. Inserção externa, exportações e crescimento no Brasil. Trabalho apresentado no Seminário *Desenvolvimento no Século XXI* (Evento comemorativo do Centenário de Dom Rau Prebisch), IE/UFRJ, 30/8 a 1/9/2001.
- NORTH, D. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHARTZMAN (1977, p. 291-13)
- PREBISCH, Raul. *Dinâmica do desenvolvimento latino-americano*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- RADELET, Steven. Manufactured exports, export platforms, and economic growth. Agency for International Development, Harvard Institute for International Development, *CAER II Discussion Paper* No. 43, November 1999.
- REYES, Giovanni E. Latin American Exports and Economic Growth: The Empirical Evidence. University of Pittsburgh Graduate School of Public and International Affairs. *Sincronia*, Fall 2000.
- SCHARTZMAN, Jacques. *Economia Regional*. Texto escolhidos. Belo Horizonte, Cedeplar, 1977.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Editora Nacional, 1974.
- SIRKIN, Gerald. The theory of the regional economic base. *The Review of Economics and Statistics*, v.XLI, n.4, p.426-429, Nov.1959.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2 v.
- SOUZA, Nali de J. Eficiência das pequenas e médias empresas e diversificação econômica no Rio Grande do Sul. In: Encontro Nacional de Economia, 7, Atibaia, 1979. *Anais da ANPEC*. São Paulo: ANPEC, 1979, V. 1, P. 425-496.
- SOUZA, Nali J. *A teoria da base econômica regional: uma verificação empírica*. Dissertação (mestrado) - UFRGS. Porto Alegre: IEPE, 1982. 133p.
- SOUZA, Nali J. *Fatores de crescimento, mudança estrutural e indicadores de desenvolvimento da Região Sul, 1980/1995*. Porto Alegre: CPGE/UFRGS, 1998 (Relatório de Pesquisa ao CNPq).
- SOUZA, Nali J. Conceito e aplicação da teoria da base econômica. *Perspectiva Econômica*. São Leopoldo: Unisinos, v.10, n.25, p.117-130, mar.1980.
- SOUZA, Nali J. *Desenvolvimento Econômico*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SOUZA, Nali J. *Vantagens comparativas, abertura comercial e crescimento da produção e do emprego dos Estados brasileiros, 1991/1998*. Porto Alegre: NEP/PUCRS, Texto para Discussão n. 21, 2002.
- TIEBOUT, C. As exportações e o crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN (1977, p.315-23).
- YOON, Taek Dong & SOUZA, Nali de Jesus. Uma análise empírica sobre os fatores do desenvolvimento econômico da Coréia do Sul: 1961-1990. *Estudos Econômicos*. São Paulo, vol 31, n. 2, p.321-367, abril/junho 2001.